

Hércules Florence**1979: Centenário de Sua Morte em Campinas**

DEPOIS de uma atividade intensa durante meio século, nos mais variados campos da técnica e da arte, faleceu em Campinas a 27 de março de 1879, o cidadão francês Hércules Florence, aqui radicado. Nascido em Nice em 1804, Hércules Florence viveu na Europa até seus vinte anos, uma vida cheia de aventuras. Em 1924, na fragata francesa "Marie Thérèse", veio para o Brasil, desembarcando no Rio de Janeiro a 1.º de maio daquele ano, data muito significativa na vida de Hércules, como acentua Estevam Bourroul, na alentada biografia que fez do nosso herói: "Cumpre tomarmos nota desta data, que marca a era em que o nosso biografado assentou a sua tenda de trabalho no Brasil, onde devia ilustrar o seu nome por cerca de sessenta anos, no seio da terra que ele adotou como Pátria".

Pouco viveu, porém na Capital do Império. Depois de haver trabalhado na loja do Sr. Dillon e na livraria do Sr. Plancher, tomou novo rumo. Estava neste estabelecimento, quando lhe mostraram um anúncio nestes termos: "Um naturalista russo, tendo de fazer uma viagem no interior do Brasil, precisa de um pintor. Quem estiver em condições, queira se dirigir ao Vice-Consulado da Rússia". O "naturalista russo" outro não era se não o Sr. Georges - Henri de Langsdorff, barão de Langsdorff como era conhecido o cônsul geral da Rússia, no Brasil, que então organizava uma expedição científica ao interior brasileiro. Hércules Florence a ela se incorporou, cabendo-lhe, de início, funções outras que não as da categoria especificada no anúncio.

Essa expedição, sob os auspícios do Czar Alexandre I, partiu do Rio, a 3 de setembro de 1825, chegando ao porto de Santos a 5 do mesmo mês, onde Hércules Florence se separou dos demais membros, por ter-lhe sido atribuída a missão de organizar os preparativos da expedição, que deveria ir por terra pelo antigo caminho dos bandeirantes, hoje via Anhanguera. Em Campinas, entretanto, os planos foram modificados, preferindo o barão Langsdorff a via fluvial, partindo de Porto Feliz, de onde saíam as monções. Nessa vila conhece o cirurgião-mor Francisco Álvares Machado e Vasconcelos e a filha deste, Maria Angélica, com a qual se casaria em 1930, data de sua fixação em Campinas, donde seu sogro passara a residir e instalara uma farmácia.

O regresso de Hércules Florence da selva se deu em março de 1829, com o malogro da expedição, principalmente em consequência da insanidade mental de seu chefe. Além de farta documentação iconográfica, reproduzindo aspectos da selva brasileira, Hércules Florence legou à posteridade o relato do acontecido durante a longa viagem que durou quatro anos, escrito em francês. O "Esboço de viagem feita pelo Sr. Langsdorff ao interior do Brasil desde setembro de 1825 até março de 1829" é um pre-



Falecido em Campinas aos 75 anos de idade, Hércules Florence viveu aqui cerca de cinquenta anos, dedicando-se a múltiplas atividades; professor de desenho e pintura, comerciante, fazendeiro e sobretudo, pesquisador nos mais variados campos.

cioso repositório de informações sobre o malogro evento, durante o qual morreu afogado no Rio Guaporé, o primeiro desenhista Amado Adriano Taunay. Duas traduções existem desse trabalho, uma do Visconde de Taunay e outro do bisneto de Hércules, Francisco Álvares Machado e Vasconcelos Florence.

Esse relato em que Hércules narra as peripécias por que passaram durante a longa viagem fluvial que terminou em Belém do Pará, os componentes da expedição — o naturalista barão de Langsdorff, o astrônomo Rubtsov, o botânico Riedel, o desenhista Taunay e o próprio Hércules — não é, entretanto, o único documento legado pelo homem, que descobriu a fotografia e que Afonso E. de Taunay cognominou de "O Patriarca da Iconografia Paulista". Arnaldo Machado Floren-

ce tem em seu poder outros manuscritos preciosos de Hércules, como aquele em que narra as circunstâncias em que fez suas descobertas e descreve tecnicamente as suas experiências. Legou-nos ainda um folheto em que estuda o canto dos passáros e as vozes dos animais, trabalho ao qual deu o nome de "Zoofonia", assim como poesias. Outro aspecto: vendo a beleza e forma da "Pindoba", palmeira chata da Chapada, pensou em nova arquitetura a que denominou "Ordem Brasileira ou Palmeana".

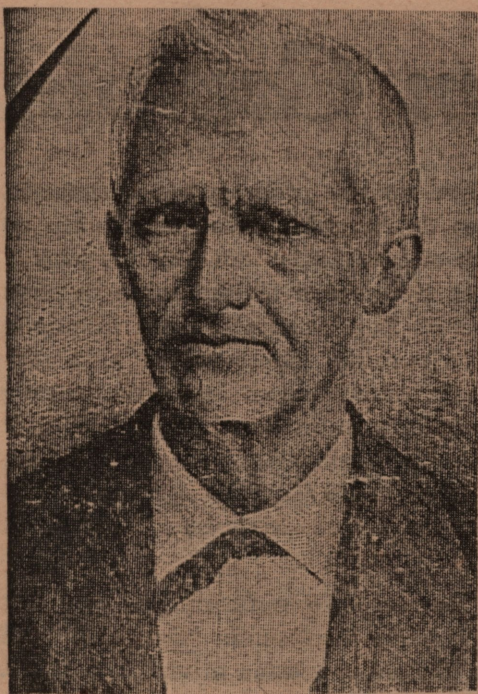
Comerciante e fazendeiro em Campinas, proprietário da fazenda "Soledade", Hércules, paralelamente a essas atividades, dedicava-se a experiências como as relacionadas com a "Poligrafia" e com o papel inimitável. Em 1832, dois anos após estar residindo em Campinas, faz as experiências que o levaram a descobrir a fotografia, cuja glória coube, em 1839 ao seu compatriota Daguerre, por Hércules não ter dado divulgação em tempo oportuno, os resultados obtidos seis anos antes. Recentemente, as experiências de Campinas foram repetidas, com resultados positivos, que confirmaram as afirmações de Hércules contidas em seus manuscritos, nos FILA nos laboratórios do Roschester Institute of Technology, pelo prof. Thomas T. Hill. Embora a invenção de Hércules não tenha sido o ponto de partida para a evolução do processo fotográfico e nem concorrido para tal, o mérito de seu trabalho nesse sentido em Campinas, não pode ser minimizado, sendo justas, portanto, as homenagens que lhe prestamos. Sua personalidade merece um estudo mais amplo, o que não cabe neste enfoque limitado às oito páginas deste tablóide. O centenário de sua morte será, pois, uma oportunidade para o estudo das várias facetas do talento de Hércules Florence, que não deve ser visto apenas como um dos pioneiros da Fotografia.

Foi o introdutor das artes gráficas em Campinas, com a instalação aqui, em 1936, de uma tipografia adquirida, no Rio de Janeiro, graças a seu sogro. Essa tipografia, que fora enterrada por ocasião dos acontecimentos de 1842, foi, serenados os ânimos, desenterrada. Vendida aos irmãos João e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva, nela se imprimiu o nosso primeiro jornal, a "Aurora Campineira", no ano de 1858.

A trajetória de Hércules Florence na vida foi rica de eventos fascinantes, desde a sua juventude, que, já afirmamos, se caracterizou por muitas aventuras. Não se pode aqui, como é óbvio, inserir tudo que foi relevante nessa vida cheia da atividade múltipla de um homem, cujo talento multiforme e cuja curiosidade o levavam a tentar as mais arrojadas experiências no campo da ciência e da técnica. Alguns episódios dessa vida dedicada às mais variadas atividades, aqui estão, entretanto, retratados, mas não bastam para mostrar Hércules Florence em toda a sua plenitude, tal a riqueza de atributos de sua personalidade marcante na vida brasileira do Século XIX: Antonio Romualdo Hércules Florence.

COMPROVADAS NOS EUA:

As Experiências Químicas



O colaborador de Hércules Florence, na invenção da fotografia, Joaquim Correia de Melo

A VALIDADE das experiências químicas realizadas em Campinas a partir de 1833 por Hércules Florence, com a colaboração de Correia de Melo foi confirmada pelo prof. Thomas T. Hill, nos laboratórios do Rochester Institute of Technology, dos Estados Unidos da América, em 1976. Reproduzindo as principais experiências de Campinas, realizadas por Hércules Florence em precárias condições, o prof. Hill avaliou as fórmulas e os agentes químicos, inclusive a urina, por aqueles usados na casa da rua Direita em frente da hoje praça Bento Quirino, chegando a resultados positivos, fato esse, muito auspicioso para nós brasileiros, principalmente paulistas e campineiros, por termos confirmado tudo aquilo que o ilustre francês radicado em Campinas registrou em seus livros de anotações.

Deve-se a Boris Kossoy, que promoveu a repetição das experiências nos EUA, com a valiosa colaboração do presidente do Foto — Cine Clube Bandeirantes, Eduardo Salvatore, e do nosso conterrâneo Arnaldo Machado Florence, detentor de farta documentação, tanto escrita como iconográfica deixada por Hércules Florence. Em seu livro editado em 1977 pela Faculdade de Comunicação Social Anhembi, da Capital, sob o título de "HÉRCULES FLORENCE — 1833: a descoberta isolada da Fotografia no Brasil", Boris Kossoy, "o arquiteto, o professor, autoridade em história da fotografia no Brasil e, ele próprio fotógrafo por grande amor à arte", como o qualifica Francisco Alvares Machado e Vasconcelos Florence, bisneto de Hércules e autor do prefácio dessa obra, que se adiciona às já existentes sobre Hércules Florence. Quem não se comunica... prejudica-se

As experiências foram realizadas em Campinas, onde Hércules se radicara, após seu casamento com a filha de Álvares Machado, este realizado em 4 de janeiro de 1830. A então Vila de São Carlos ainda não adquirira a pujança e opulência, que o café lhe proporcionaria alguns anos mais tarde. Como o próprio Hércules anotara em seu registro, Campinas era uma cidade nascente em 1826, não muito diferente talvez daquela que Daniel Muller assinalara no censo por ele aqui realizado em 1836/37. Vila de escassa população naquela época (menos de 7 mil habitantes), Campinas não oferecia ainda

meios fáceis de comunicação, motivo que impediu a divulgação das suas experiências fotográficas.

Enquanto, aqui, longe da Europa, onde outros à mesma época realizavam experiências com a mesma finalidade, "Florence totalmente isolado e sem conhecimento do que realizavam seus contemporâneos europeus, Niépce, Daguerre, Bayard, Fox-Talbot, Herschel e outros precursores" — como afirmou Boris Kossoy em seu livro — "chegou a resultados surpreendentes". Sete anos depois de haver Hércules descoberto o processo a que deu o nome de "FOTOGRAFIA", com a ajuda de Correia de Melo, surgiu na França a *daguerreotipia*, palavra que passou a designar a invenção de Daguerre, continuador da obra de Niépce. A frustração de Hércules foi grande, quando em Itú, no ano de 1839, tomou conhecimento do que havia acontecido na Europa. Somente depois de tomar conhecimento do acontecido na França foi que Hércules divulgou sua invenção.

As experiências em Campinas

Boris Kossoy, num trecho de seu livro, afirmou ser muito importante saber-se "que a fotografia surgiu da evolução gradativa do conhecimento ótico e químico desenvolvidos paralelamente e que num certo momento foram aplicados conjuntamente, com um mesmo propósito por pessoas diferentes". Hércules, em Campinas, desenvolveu primeiro o processo da fixação pela luz solar, de imagens sobre placas sensibilizadas. Mas não demorou a entrar no terreno da ótica, construindo uma câmara escura munida com uma lente ocular, de uso corrente. Tanto do ponto-de-vista químico como do ótico os resultados foram positivos.

A gênese do trabalho de Hércules no campo da fotografia pode ser conhecida pelas anotações que se encontram no manuscrito em poder de Arnaldo Machado Florence — "Neste ano de 1832, no dia 15 de agosto, estando a passear na minha varanda, vem-me a idéia de que talvez se pudesse fixar as imagens na câmara escura, por meio de um corpo que mude de cor pela ação da luz. Esta idéia é minha porque o menor indício nunca tocou antes o meu espírito. Vou ter com o sr. Joaquim Correia de Melo, boticário de meu sogro, homem instruído, que me diz existir o nitrato de prata".

Hércules que havia feito as primeiras experiências que lhe revelaram as alterações do papel sensibilizado pela ação da luz, passou então a utilizar uma chapa de vidro recoberta com solução de nitrato de prata. É seu este de-

poimento — "Dei-me, pois, a fazer experiências, onde tudo me sabe perfeitíssimo quanto à gravura sobre vidro. Quanto à câmara escura, eu fixei em negativo a vista da cadeia, um busto de La Fayette etc". Com ajuda de Correia de Melo forma então a palavra FOTOGRAFIA composta com elementos gregos. Mas como o que devia ser claro estava escuro e o escuro, claro, pensou que poderia haver solução para tal problema. Encontrou-a de fato, reproduzindo num papel, também sensibilizado, o negativo por contato. Conseguiu, assim, o positivo.

Sobre tal experimento, Hércules Florence escreveu — "A ação da luz desenhava através da câmara escura os objetos. Só fixava as grandes formas, os conrastes pronunciados, mas isso com a imperfeição de tornar claro os escuros e vice-versa. Não obstante isso, esse meio de obter desenhos feitos pela natureza e não pela mão do homem, não é, posta à margem sua atual precariedade de, um fato novo nas artes e de muito interesse? Não é ele susceptível de aperfeiçoamento? Não terei eu iniciado a arte, mais do que maravilhosa de desenhar qualquer objeto de apanhar de vista, sem dar-me ao trabalho de fazer por mim mesmo?"

O COLABORADOR CORREIA DE MELO

Joaquim Correia de Melo trabalhou, como prático, na farmácia do cirurgião - mor Francisco Álvares Machado, que se transferira de Porto Feliz, a Araritaguaba das monções, para Campinas. Hércules Florence encontrou no boticário um valioso colaborador, que o assistiu quando realizava as experiências para fixação de imagens por meio da luz solar.

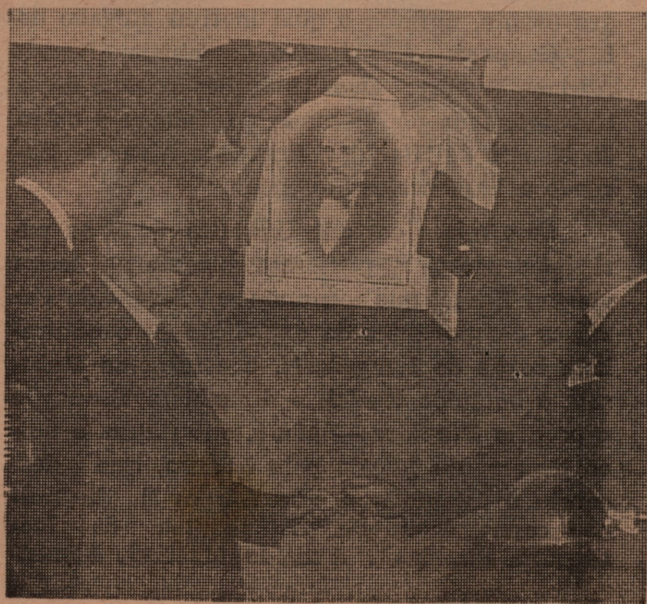
Nascido em São Paulo, onde estudava direito quando lhe morreu o pai, veio para Campinas, trazido pelo cirurgião-mor, às expensas do qual posteriormente, estudou Farmácia.

De volta de seus estudos, tornou-se sócio de seu benfeitor, dedicando-se então a estudos botânicos, especialmente da flora brasileira. D. Pedro II distinguiu-o, ao inaugurar-se a iluminação a gás em Campinas em 1876, mostrando desejos de conhecê-lo. Da Corte, enviou-lhe, com dedicatória, a coleção da "Flora Brasilienses", de Martius.

Faleceu em 1877. Em sua homenagem existe a praça Correia de Melo, onde, também em sua homenagem havia uma escola com o seu nome, demolida há alguns anos.

Ficou conhecido como o "seu" Quinzinho da Botica.

Retrato na Biblioteca Municipal de São Paulo



Muitas têm sido as homenagens prestadas a Hércules Florence, na Capital, e em outras cidades brasileiras. Em São Paulo, no Foto-Cine Clube Bandeirantes foi-lhe erigido um busto de autoria de Vicente Laroça, o mesmo escultor que, posteriormente, fez o de Campinas. Na Biblioteca Pública Municipal "Mário de Andrade, em 22 de junho de 1946, inaugurou-se o retrato de "O Patriarca da Iconografia Paulista", com a presença do filho deste, o musicista campineiro, compositor Paulo Florence. O clichê apresenta um aspecto da solenidade em que o compositor Paulo Florence aparece entre os srs. Eduardo Salvatore e Arnaldo Machado Florence.

Essais sur la Photographie faits à Campinas de 1832 à 1839.

L'idée m'étant venue que l'on pourrait imprimer avec la lumière solaire, je fis des essais qui réussirent quant à la netteté et la netteté, mais qui manquaient de fixité. Cependant un portrait d'un indien Bororo que j'ai photographié a été placé par M. Felix Taunay, Directeur de l'Académie des Beaux-Arts, dans l'album du Prince de Joinville à son premier voyage à Rio, quelques

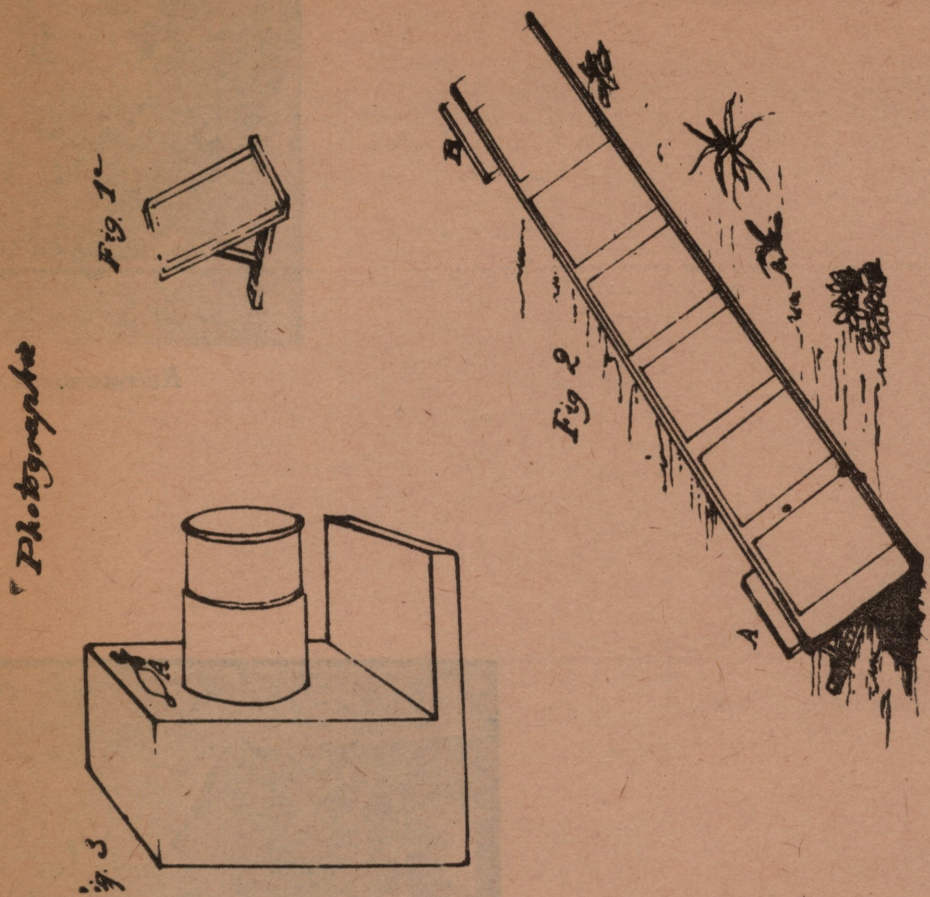
Nesta página escrita por Hércules Florence, este após referir-se à idéia tida por ele em 1832 e a colaboração de Correia de Melo, que o aconselhou a usar em suas experiências o nitrato de prata e o ajudou a formar a palavra fotografia com elementos do Grego, faz menção ao retrato do índio Bororo, colocado por Felix Taunay no album do príncipe de Joinville, em sua primeira viagem ao Rio.

Menciona ainda o nome de Daguerre

jamais au du sud.

En 1832 l'idée me vint d'imprimer par l'action de la lumière sur le nitrate d'argent, M. Correia de Mello et moi nous appelons ce procédé, — "Photographie". Le portrait d'un indien Mandurucu photographié par moi, a été placé par M. Felix Taunay, Directeur de l'Académie des Beaux-Arts, dans l'album du Prince de Joinville à son premier voyage à Rio. Mais ces n'étaient qu'un épisode, car lorsqu'en 1839 j'apprends la découverte de Daguerre, je cesse pour un moment de photographier. Pendant sa longue période qui s'étend de 1834 à 1836, j'imprime de nombreux

Aqui se inicia nos manuscritos de Hércules Florence, a narração de suas experiências, sobre a fotografia, durante sete anos. Ao capítulo em que narra tais experiências, Hércules deu o nome de "Ensaio sobre a fotografia feitos em Campinas de 1832 a 1839". Em 1839, tendo conhecimento dos resultados das experiências de Daguerre, encerrou sua atividade nesse campo.



No acervo iconográfico existente em Campinas, em poder de Arnaldo Machado Florence, encontra-se este desenho de Hércules, representando a "Câmara Escura", e as estantes (prensas), destinadas à obtenção de imagens fixadas pela ação química da luz solar em papel ou vidro. O desenho é de 1837. Por mais sofisticadas tecnicamente, que sejam as máquinas fotográficas de hoje, pode-se verificar pelo desenho, que elas fundamentalmente baseiam-se nos mesmos princípios da do francês radicado em Campinas



Na antiga rua Direita, hoje Barão de Jaguara, no número 20, residia Hércules Florence. É a casa de beiral, que aparece no primeiro plano do clichê. Foi nela que Hércules realizou suas experiências. Essa casa se localizava na atual praça Bento Quirino, em frente onde se erigiu depois o Monumento a Carlos Gomes (errado)

O Precioso Acervo Iconográfico de Hércules Florence

COLOCADO na expedição de Langsdorff, Hércules Florence ocupou o lugar de desenhista, que ficara vago com a desistência do alemão Rugendas. Afonso E. Taunay cognominou-o "O Patriarca da Iconografia Paulista", ao escrever na "História das Bandeiras Paulistas", que "nada teríamos por assim dizer, da iconografia monço-

reira", se não fora esse ilustre artista filho de Nice. "É realmente o patriarca da iconografia paulista" — escreveu Afonso E. Taunay — "pelo que nos deixou de documentos sobre tropas e tropeiros, fazendas e engenhos, festas populares, tipos e figuras, retratos e cenas familiares, por menores arquitetônicos e aspectos

urbanos, paisagens terrestres, marítimas e fluviais..."

Grande parte de seus desenhos constitui-se em documentos únicos no gênero, como os das Monções para Mato Grosso, os da antiga indústria açucareira de Campinas, os da abertura dos primeiros cafezais no Oeste paulista, os da vida nas fazendas campineiras, os da vida dos tro-

peiros do Caminho do Mar, os das cavalcadas de Sorocaba e muitos outros, inclusive retratos de personalidades eminentes ou célebres, como Feijó, Vergueiro, Alvares Machado e Langsdorff.

Entre as mais valiosas peças de Hércules Florence está aquela intitulada a "Bênção das Canoas", legítima obra prima no dizer de Afonso

E. Taunay, a qual inspirou Almeida Júnior para a composição de famoso quadro "Partida da Monção", deste consagrado pintor brasileiro.

Muitas reproduções dos originais de Hércules Florence se acham no Museu Paulista, no Ipiranga, na Capital, graças a doações de filhos do autor, mas uma parte de seus desenhos originais relativos à expedi-

ção foi para Moscou, não se sabendo do destino, que tiveram com a queda do czarismo.

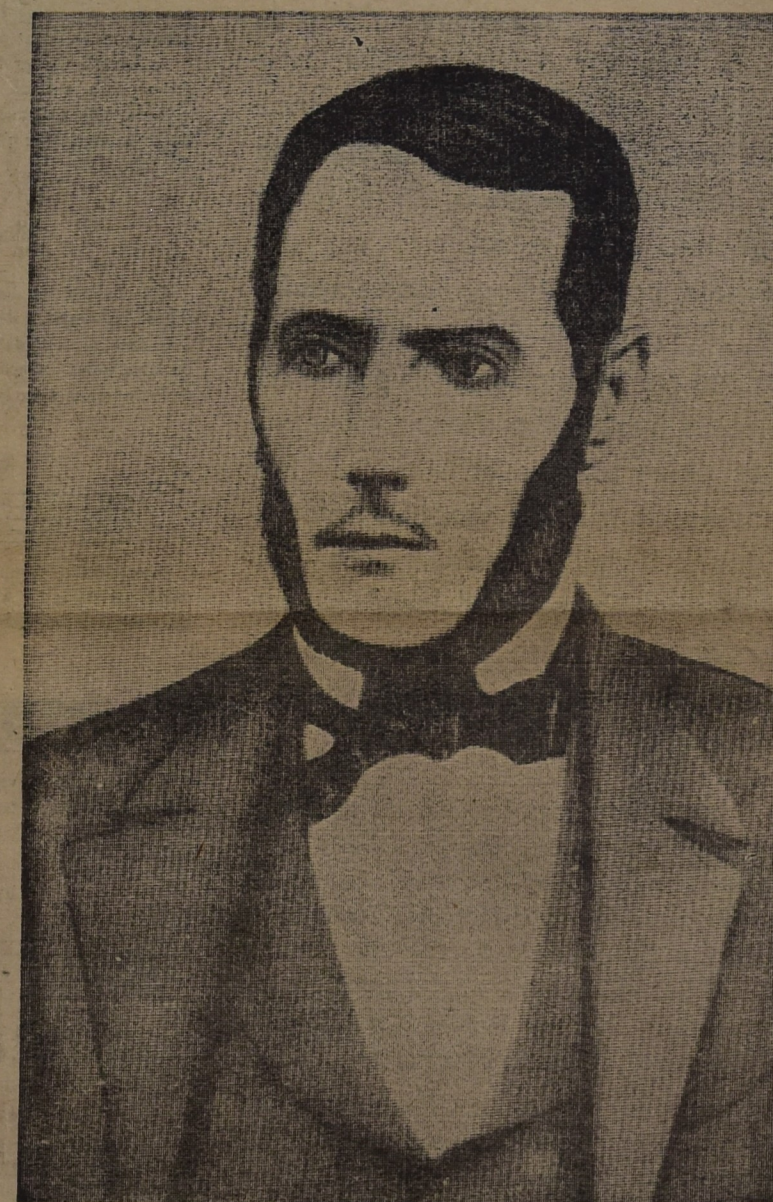
Os clichês aqui apresentados são devidos à gentileza de Arnaldo Machado Florence, que possui valiosa coleção de reproduções de aquarelas, desenhos a nanquim, óleos e outros.



Retrato a óleo de Maria Angélica, primeira esposa de Hércules



Retrato do barão de Langsdorff



Auto-retrato de Hércules Florence, a "crayon"



Algumas das reproduções de Hércules Florence, pertencentes a Arnaldo Machado Florence.



Aspecto da Vila de São Carlos (Campinas) em que aparecem escravos trabalhando na construção da Matriz Nova (Catedral Metropolitana). A rua ao fundo naquele tempo se chamava "São José" (hoje 13 de Maio).



O salto do "Macaco Branco", no município de Campinas

A "fala" dos Animais Posta na Pauta Musical

DÁ-SE MUITA ênfase, quando se fala de Hércules Florence, à Fotografia, técnica da qual ele descobriu, aqui em Campinas, 7 anos antes das experiências de Niepce e Daguerre, na França, os fundamentos. Mas o talento multiforme de Hércules e sua inata curiosidade de pesquisador não ficaram só nesse campo, como se sabe. Além de ser o inventor da fotografia, esse francês, que se radicou em Campinas, inventou também a **poligrafia** e o **papel inimitável**, além de haver realizado estudos sobre a voz dos animais, por ele denominada **zoofonia**. Pois Hércules Florence deixou valiosa contribuição, aliás pouco conhecida, resultante de suas observações pelos sertões brasileiros: "Por ocasião de minhas viagens pelo interior do Brasil", — escreveu ele — "tive muitos ensejos de observar as mudanças que, segundo as zonas e até as províncias, experimenta a voz dos animais".

Quem tiver a curiosidade de conhecer, em seus detalhes esse assunto, basta ler a memória sob o título "Zoofonia", escrita em francês, em 1829, por Hércules Florence, e traduzida por Alfredo Eschagnolle Taunay (Visconde de Taunay), que a publicou na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" (Tomo 39, 2.a parte — 1876).

Em suas observações sobre o canto dos pássaros, Hércules Florence relata suas impressões com estas palavras: "Assim a **araponga**, belo pássaro de plumagem branca muito comum em São Paulo, pousa nas franças das árvores e produz um canto metálico que recorda exatamente o bater, ao longe, de um martelo sobre a bigorna do ferreiro. A **saracura** parece monologar na solidão. O **socó-boi**, de manhã e à noite, beira dos pântanos e lagoas, faz lembrar o mugido das vacas. O **mutum** anuncia as primeiras barras do dia com pios rouquinhos e abafados. O canto de um passarinho, cujo nome se me riscou da memória, faz crer que são dois a se desafiarem em duelo musical. O da **anhuma-poca**, grande e bela ave, semelha o som de um sino de aldeia, nas margens alagadas e inabitadas do rio Paraguai. O **aracuam** grita como uma galinha assustada, ao passo que a inseparável companheira repete alternadamente as mesmas notas. A **arara** fende os ares, atirando de sua áspera garganta sílabas que seu

nome formam, e bandos inúmeros de **papagaios**, sobretudo com o cair da tarde, soltando gritos agudos, atordoam o viajante".

Hoje, com o avanço tecnológico, pode-se gravar in loco as vozes dos animais, ao

contrário do que aconteceu com Hércules no período de 1825 a 1829, em que esse homem, Hércules Florence, de talento polimorfo, procurou registrar na pauta musical aquilo que observou quanto a "fala" dos bichos.

— 326 —

No rochedo escarpado que surge em meio do oceano, pou-
sam aves de longo vôo e alteroso viso, cujos gritos só se
casam com o soluçar dos ventos, dos temporais e das ondas.

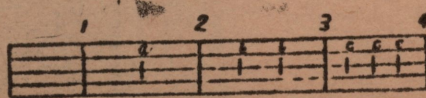
As horas ardentes do dia não serão assinaladas pela voz
de nenhum animal vertebrado, mas sim pelo chiar da
cigarra, cujo monótono ruído mais aumenta para o via-
dante a impressão que lhe produz a intensa reverberação
do solo.

SIGNAES E CONVENÇÕES

Não tendo a voz dos animais regra na sua duração, basta
um unico tempo, o de um segundo.

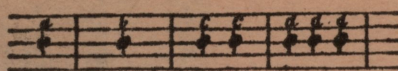
Quanto ao valor das notas, é representado por uma nota
de uma unica especie: a do segundo, tomada como uni-
dade de tempo e modificada do seguinte modo:

Figura n. 1.º



Os intervallos comprehendidos entre as barras 1, 2, 3, 4
valem um segundo. As barrazinhas a; b; b; c; c, c; valem
meio segundo, um terço de segundo, um quarto de segundo.

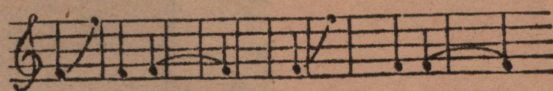
Figura 2.º



A nota torna o valor da barra ou barrazinha em que
estiver collocada, e tem o nome de segundo a ou meio se-

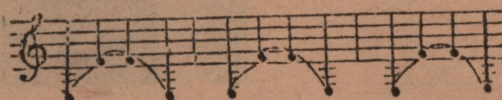
— 332 —

Canto do bem-te-vi



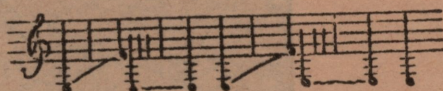
Durante o dia e até às 10 ou 11 horas da noite é que
canta. A cada meio minuto repete seu canto.

Urro da onça



A onça é o tigre da America. Algumas vezes ouvimos-lhe
o urro de dia e mais frequentemente no silencio das noites.
Então sua voz, imitando o mugido do touro, tinha um que
de assustador.

Urro da onça irritada



A figura tremida mostra que a onça produz um gague-
jar aspirado e rapido, semelhante ao do cão, quando res-
nunga contra outro cão.

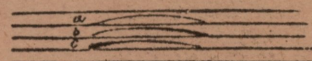
Grito da jacaré



— 327 —

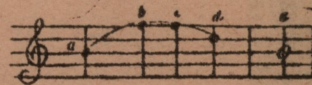
gundo b, terço de segundo c e quarto de segundo d, segundo
a respectiva posição.

Figura 3.º



As notas ligadas por uma curva são continuas. Se essa
curva é sempre igual como em a, a voz é de intensidade
igual. Se torna-se mais accentuada como em b, é que aug-
menta de força; se se alinha, e que pelo contrario enfra-
quece-se o som.

Figura 4.º

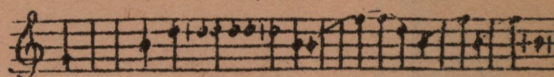


As notas marcadas n'uma curva, como a, b, c, d, são
syncopadas, não tendo portanto nenhuma distincção de
som. So servem para indicar até que ponto a voz sobe ou
desce e quanto tempo para.

Nas notas pretas toma-se respiração. A branca e indica
aspiração, regra applicavel a alguns quadrupedes, aos
gansos e cobras, quando enraivecidas.

Exemplo da combinação dos signaes

Figura 5.º



Fere-se a nota sol, depois ha um silencio de tres segun-
TOMO XXXIX, P. II 42

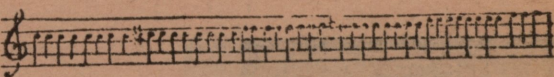
— 333 —

Grito da ariranha



Com o choro de uma criança do peito parece-se o grito
d'essa lontra. É um amphibio que quando sahe da agua
grita uns quinze a vinte segundos e depois mergulha.
Nossos remadores imitavam-lhe perfeitamente a voz, esti-
rando o pescoço e batendo rapidamente e com a ponta dos
dedos unidos à garganta.

Canto do surucua



Canto melancolico e suave, que percorre exactamente,
durante vinte e quatro segundos, a escala chromatica.

Chilro de um insecto



Voz semelhante à da cigarra e que tambem se ouve nas
horas quentes do dia.

Grito da gaiola

Grito de tres segundos, semelhante ao bater de um ta-
chozinho.

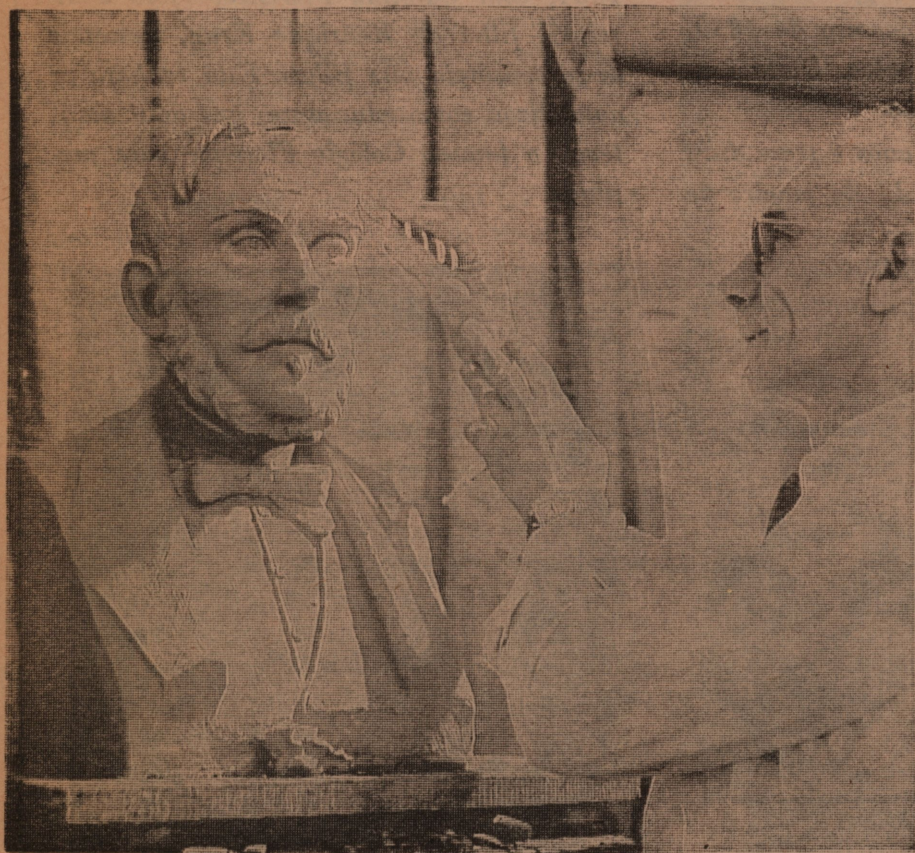
Quando caminhavamos em praia de arêa, onde essas aves
tinham enterrado seus ovos, ouviamos seus agudos gritos
de anciedade: voavam e gritavam em torno de nós, appro-

Aqui estão reproduzidas, em tamanho reduzido, quatro páginas do artigo "ZOOFONIA — Memória escrita em francês pelo sr. Hércules Florence no ano de 1877", traduzida pelo Visconde de Taunay, que a encontrou junto com os manuscritos sobre a "Viagem do consul Langsdorff", trabalho este do mesmo autor da "Memória".

A Herma na Praça D. Pedro II



No ato da inauguração
da herma de Hércules Florence,
em Campinas, falou,
entre outros oradores,
o dr. Alfredo Maia Bonato,
secretário da Educação da Prefeitura Municipal.
No flagrante,
aparecem também, os srs. Plínio Mendes,
Alfredo Vasques, Eduardo Salvatore,
Ernesto Alves Filho, Henrique de Oliveira Filho,
Arnaldo Machado Florence
e Francisco Alvares Machado e Vasconcelos Florence



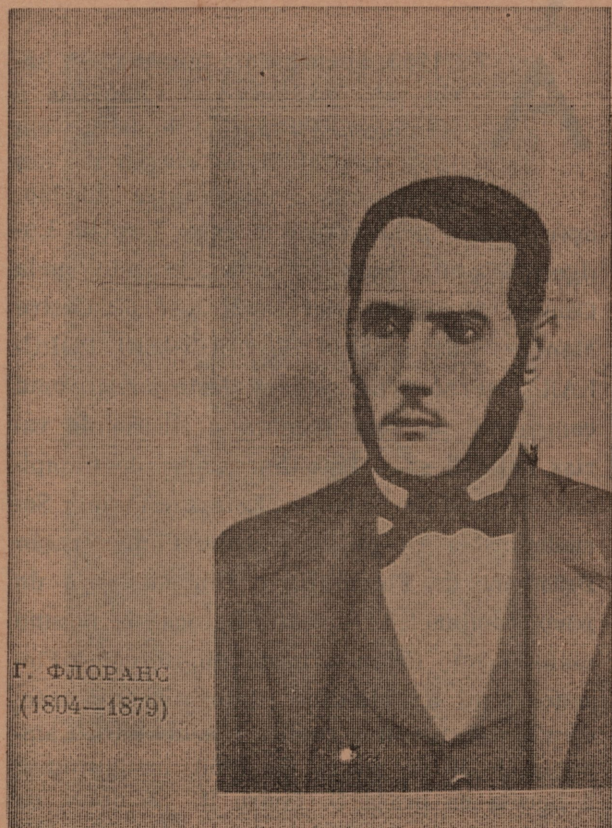
O escultor
Vicente Laroca
aparece aqui,
dando os retoques finais
no busto
de Hércules Florence,
modelado em barro.

A TÉ 1963, apenas uma homenagem havia sido prestada em Campinas a Hércules Florence, embora em 1950, o projeto de ereção de um monumento a esse ilustre cidadão, apresentado pelo vereador José Nicolau Ludgero Maseli, houvesse sido aprovado pela Câmara Municipal. Em 1962, José de Castro Mendes, da redação do "CORREIO POPULAR", lançou pelas colunas deste jornal, uma campanha que logo recebeu a adesão de várias entidades — Foto-Cine Clube de Campinas; Centro de Ciências, Letras e Artes; Sociedade dos Amigos da Cidade; Confederação Brasileira de Fotografia e Cinema — e do povo campineiro. Vicente Laroca, o mesmo escultor que fizera o busto de Hércules Florence para o Foto-Cine Clube Bandeirante, da Capital, fez uma réplica (maior) para Campinas. A 28 de março de 1963, inaugurou-se a herma na praça D. Pedro II. À noite, na sessão solene do CCLA, o sr Arnaldo Machado Florence dissertou sobre a vida de seu ilustre bisavô.



Flagrante fixado
em 28 de março de 1963,
por ocasião
da inauguração da herma
de Hércules Florence,
na praça D. Pedro II, em Campinas.
Nele aparece
a neta do homenageado,
sra. Carolina Florence Meyer,
que faleceu
algum tempo depois desse evento.

Registro da Malograda Expedição



Este clichê reproduz parte da página de um livro russo. O nome de Hércules Florence está escrito em língua russa.

GRAÇAS a Hércules Florence, que deixou o manuscrito sob o título de "Esboço da viagem feita pelo sr. Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829", escrito em francês e traduzido duas vezes, a primeira pelo Visconde de Taunay, e a segunda pelo bisneto de Hércules, Francisco Álvares Machado e Vasconcelos Florence. Ambas as traduções têm o título de "Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas". Sobre esse registro, feito durante a malograda expedição, Taunay afirma ser ele "um livro de viajante de boa-fé, que revela singelamente aquilo que vê e ouve contar", portanto, digno de ser divulgado, embora não passe de "um seguimento de rápidas notas e apontamentos tomados para receberem, em trabalho completo e regular, todo o desenvolvimento desejável".

A partida da expedição chefiada por Langsdorff deu-se, no Rio de Janeiro numa sumaca de nome "Aurora", em 3 de setembro de 1825, chegando ao porto de Santos em 5 do mesmo mês. Nesse porto, Hércules separou-se do resto da expedição, dela partindo "com alguns dias de avanço sobre os meus companheiros, a fim de mandar preparar comodios no Cubatão e contratar com antecedência alguns tropeiros que se encarregassem de transportar para São Paulo toda a bagagem pertencente à Comissão". É estranho que tendo Hércules atendido ao anúncio pedindo um pintor, tenha recebido missão outra que não as específicas daquela categoria profissional.

No capítulo III, abordando a expedição Langsdorff, de seu livro "A cidade do ouro e das ruínas", Taunay escreveu que, partindo do Rio, o grupo chefiado pelo cientista Langsdorff levava "mais um companheiro Hércules Florence, encarregado a princípio, da modesta incumbência de cuidar das cargas, mas depois, já pelas aptidões, já pelo gênio brando e afável, transferido à categoria de segundo desenhista".

Sobre isso, leiamos o que o próprio Hércules escreveu quando relatou sua ida de Campinas para Porto Feliz: "Passei pela cidade de Itu e fiquei três dias com meus companheiros de expedição. Cabe aqui dizer a razão por que eu viajava separado deles. Havendo pedido ao sr. Cônsul a honra de acompanhá-lo em sua exploração ao interior do Brasil, anuiu ele, fazendo-me ver que, levando grande bagagem, muita satisfação teria em me encarregar de dirigir sua condução. Aceitei sem hesitar e pus todos os cuidados em bem cumprir minha palavra até Porto Feliz, embora com prejuízo do fim para que eu fora mandado, visto como, durante 10 meses, raros desenhos pude executar. Entretanto para diante o Cônsul, a rogos meus, ocupou-me somente como desenhista".

Como relata Hércules Florence, de Campinas partiu ele para Porto Feliz, "por tido

ordem de transportar para lá todas as cargas pertencentes à expedição", pois o roteiro da viagem fôra alterado, preferindo-se a rota fluvial à terrestre, que seria pelo antigo caminho dos bandeirantes, hoje via Anhangüera.

Como escreveu Taunay, Hércules ao fazer seus registros, fazia-os com singeleza, procurando ser fiel. Suas narrações de fatos e suas descrições de coisas são sempre muito interessantes. Em seu registro, aspectos das então províncias de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará, foram fixados por Hércules, com grande maestria. Temos um exemplo disso na descrição que fez de Campinas, no final do primeiro quartel do Século XIX e início do segundo, quando conta a sua vinda de Jundiá para aqui: "Poucos dias depois da chegada do sr. Cônsul, parti para Campinas, também chamada São Carlos, cidade nascente, bastante vasta, bem povoada, rica pela cultura em grande escala da cana-de-açúcar, e pela fabricação desse produto e da aguardente. Seus arrabaldes são agradáveis em razão dos sítios cultivados, multiplicidade de casas e engenhos de açúcar. O comércio sobrepuja ao das outras cidades próximas, com exceção de Itu. A concorrência traz a barateza das mercadorias".

Os Dois Casamentos de Hércules Florence

Conhecendo Maria Angélica, filha de Francisco Álvares Machado e Vasconcelos, quando da passagem da expedição Langsdorff, por Porto Feliz, Hércules Florence com ela se casou a 4 de janeiro de 1830, logo após seu retorno da selva. Desse consórcio, nasceram treze filhos.

Viveu com ela vinte anos e treze dias. Maria Angélica faleceu a 17 de janeiro de

1850. (À esquerda do leitor, o casal numa foto batida por volta de 1848).

Seu segundo casamento deu-se em 1854, com Carolina Florence, (foto à direita), filha de Henrique Krug, nascendo desse consórcio sete filhos. Esta senhora se notabilizou como educadora, que aqui manteve o famoso Colégio Florence para meninas.

